

# A Linha do Douro em Quatro Estações

Uma Crónica de Daniela Fonseca



Estação da Régua, 2005 © Dario Silva

## :: A linha do Douro em Quatro Estações

O Douro nunca banhou a minha aldeia, para isso estava lá o rio da minha aldeia. Nunca chegou, mesmo, a banhar nenhuma aldeia do meu concelho, para isso estavam lá os rios das aldeias do meu concelho. O facto é que o rio da minha aldeia e os rios do meu concelho também correm para o Douro. Logo, o meu rio também é Douro e também segue para o mar. Quando é Douro, não é submisso e ninguém manda nele; pelo contrário, é corajoso, veloz, e manda. Não vê maiores os obstáculos, nem longos os caminhos. Douro permanecendo até ao mar, visita os lugares que quer e apenas se enamora do que lhe apetece.

Não indo à minha aldeia, o Douro também é dela, como será de outras aldeias e de outros lugares. Um desses sítios é Lamego, cidade. E é aqui que a história deste sítio se cruza com a história da minha aldeia, à qual o Douro também nunca foi.

Irmãs na indiferença, amigas por outras 'estórias', a minha aldeia e a cidade de Lamego nunca viram o Douro, o que, convenhamos, até é justo. Afinal, uns têm o Douro, outros o Tejo, outros o Varosa, outros o Balsemão, outros não têm nenhum deles, outros têm o mar, e outros nem rio nem mar. O que já não é justo é que, na ausência do rio, se fique também sem o caminho-de-ferro. Não o lamento pela minha aldeia; por puro egoísmo, acho até que preservada ficou melhor. Lamento-o, sim, pela minha cidade, que, estranhamente, até fez parte dos planos iniciais da CP. Desse remoto projecto ficou para a posteridade uma linha sinuosa que nunca foi acabada e alguns apeadeiros que ninguém visitou. Quem por lá andar, lá os verá a todos, sozinhos, tristes e patéticos. Quem de lá for, já sabe da lenda.

À distância de um espaço e de um tempo longínquo, talvez não tenha sido tão mau para a minha aldeia e para a minha cidade ficarem sem estação de comboios: permaneceram protegidas e reservadas, como todos os tesouros que interessam, ou que me interessam a mim, pelo menos. Já a Régua, cidade vizinha, enfrenta hoje um desafio maior por causa do seu atribulado crescimento urbano. "É o progresso...", dizem alguns. Mas sobre isso não falo; isso é outra história, uma história que deve ser contada noutra altura e por outras pessoas. A que quero narrar tem outros contornos, contornos estéticos que se relacionam com o elegante bordado que é a 'Linha do Douro'.

Em dias de sol, ou de frio, em manhãs de alguma folia, ou em simples tardes sem companhia, é com saudade que recordo algumas viagens que fiz pelo 'trajecto ferroviário do Douro'. Foi sempre uma linha bonita, arejada e calorosa, sobretudo, na hora do reencontro, talvez pelo reencontro, ou talvez não. Temo até em dizer que nunca consegui fazer muito bem a distinção entre o comboio e o Douro, razão pela qual se explica este início atribulado. Para que não restem dúvidas, foram sempre sinónimos no meu pequeno dicionário sem forma ou matéria; e é por isso que nunca percebi se gostava de andar de comboio por causa do Douro, ou se gostava do Douro por causa do comboio.

Rendo-lhes, então, esta homenagem simples, tratando-os por "tu", descrevendo-os como sempre os vi: meus, por direito.

Por ti começo, comboio.

Conheci-te, velho amigo, por causa de um rio do norte a que chamam de Douro, não sei se por ser 'd-u-r-o', se por ser 'de ouro'. Sim, é desse Douro que falo, desse Douro belo e teimoso, imortalizado por poetas e escritores, venerado pela Humanidade, e principal responsável pelo nosso primeiro encontro. As suas linhas requintadas, que a muitos

sempre causaram inveja, e a outros ciúme, e a forma como se foram desenvolvendo ao longo dos vales e das serranias, obstaram sempre à criação de uma estrada de traçado razoável (a que existe, de facto, não pode tomar esse rótulo); assim, acabaste por te tornar no meio de transporte mais óbvio para viajar. E foi só aí que fomos apresentados: eu, Daniela; tu, comboio.

Passados tantos anos, posso dizer que te conheci no teu melhor.

Na Primavera, colhias flores perfumadas dos jardins de tílias e dos pomares de laranjeiras que encontravas pelo caminho. Sorrateiro, mandavas-me mil fragrâncias pela janela, de mim esperando uma reacção qualquer. Eu muda permanecia, com tanto carinho. É que, de uma certa forma, nem sempre corria tão bem a época de exames, e saber que me esperavas de braços abertos, sem recriminações, ou julgamentos, valia o esforço de uma viagem de mais de 3 horas. Lembras-te dos passarinhos? Pobres criaturas, batiam 'asinhas' e partiam histéricos, ao ver a valentia com que entravas na estação. "Pouca-terra, pouca-terra, pouca-terra..." — gritavas tu aos distraídos.

À medida que o tempo ia aquecendo, o nosso encontro era mais frequente no Verão e naqueles dias de calor insuportável que me colava as costas ao banco de pele castanha e me obrigava a esperar pelo homem do carrinho que trazia as bebidas frescas, já quentes, no caso. Nesses dias azuis e longos, a dilatação dos carris abrandava-te a marcha. Talvez te doessem os pés, afinal o chão fervia desmesuradamente, ou talvez fosse apenas cansaço, por causa dos turistas e das pessoas em férias. Era nesta altura que eu via em ti o meu pacato gato branco de nome vitinho, que ora se estendia ao sol, fingindo-se morto, esperando mil carícias em troca dessa sua preguiça estratégica, ora pedia licença a uma perna para mexer a outra, antes de atravessar voluptuosamente o terraço cinzento à procura

de um certo pratinho de leite quente, já a ferver, por causa de um certo calor continental. A verdade é que a moleza do Douro era maior do que a tua e do que a do meu gatinho branco de nome vitinho. Adormecia e dormia, e tu, com inveja, abrandavas. Tirando a parte das costas no banco, eu até nem me importava. Dormia também com a luz incandescente do rio. Talvez aches estranho, mas eu gostava de viajar contigo. Eu, quer dizer: eu, o meu walkman e a minha vontade de sonhar. Sentados no banco, cintos apertados e garrafa de água na mão, partíamos para outros sítios e para outras histórias, com o teu balançar vagaroso e arrastado, "p-o-u-c-a t-e-r-r-a, po-u-c-a te-r-r-a, pou-c-a ter-r-r-r-r-r-a, pou-ca ter-ra, pouca terra, pouca terra, p-o-u-c-a t-e-r-r-a, pou-ca-a-a-a-a-a-a...".

Veio o Outono e arrebitaste um bocado. Sabias da azáfama certamente. Desta vez, já me levavas, veloz, pelas vinhas, onde pessoas atarefadas recolhiam os últimos ingredientes para o néctar divino, diziam, do Porto. Mas sobre isso não quero falar. "Pouca-terra, pouca-terra, atrasado, pouca-terra, pouca-terra, atrasado, atrasado, pouca-terra" — andavas, corrias, saltavas, rodopiavas, parecendo até que tinhas rogado alguém para a vindima. O burburinho deixava-te louco: era gente a chegar, gente a partir, carrinhas de caixa aberta a congestionar a estrada, autocarros com mais turistas em férias, pessoas em bandos por todo lado, cantigas afoitas em cada bardo, estudantes de volta para dar uma mão na colheita. Ecco! — permite-me lá o italiano, pode ser? — a Il ricordo di questo grande mare di coraggiosa gente c'è immenso — sabes, é que, de uma certa forma, o italiano tem tudo a ver com romance. Amore à parte, a verdade é que nunca te viste atrapalhado com a mistura. Como as pessoas que te viram nascer, ou como aquelas que nasceram para ti, (ainda não se percebeu quem fez o quê), abrias as portas da casa 'a quem aparecia' e davas o melhor que por lá tinhas: maçãs, pêras, uvas de todos os sabores, pêssegos

grandes e fofinhos, e toda uma variedade de néctares que nem ao Cozinheiro Divino lembraria.

Lá chegou, enfim, o Inverno, e, à tua conta, um outro Douro. Um Douro que tinha tanto de bonito como de transtornado. Para evitares essa sua face sombria, moderavas a marcha ao sabor da paisagem. Viajavas com pressa, quando vias as vinhas, mas, quando te chegavas ao rio, abrandavas, calçando, enfim, uns pézinhos de lã. “Pou-ca ter-ra, pou-ca ter-ra, pou-ca ter-ra...”, sussurravas ao ouvido dos mais efusivos. Esses “efusivos”, como lhes chamavas — talvez fosse eu, afinal, — vestiam de verde com a mesma frequência com que entravam ou saíam de um qualquer quartel deste país. Falavam sem parar, os tropas. Eram astutos, brincalhões e não havia cachopa que lhes passasse despercebida. E, claro, entravas no jogo. Se o Eça mo permitisse, o mesmo Eça que se apaixonou por Tormes, diria que estavas com a tal cara de beato que acabou de comer o santíssimo, não na sua obra- - prima, “Os Maias”, mas aqui mesmo, neste texto comum. E por falar em literatura, reza a lenda que uma vez foste o herói de um complexo enredo. Não me lembro se alguém chegou a morrer, mas acho que evitaste o pior. Descobriste, afinal, quem é que te ousou perturbar? Não me digas que aquela pedra roliça caiu sozinha sobre a composição? Foste corajoso, não há dúvida.

Mas, espera um pouco...!

— Que cara é essa, Douro? Tu também és corajoso... Ouve lá, não levas a mal o tu, pois não? — sabes, é que são tantos anos... — Já agora, porque é que não foste a Lamego? — se soubesses como esperou por ti ...!

É contigo que falo Douro. É contigo! A propósito, já te disse que te conheci à conta de um certo comboio? Foi ele que te mostrou ao mundo, de ti exibindo sempre a melhor parte. Lembro-me, por exemplo,

das primeiras sensações de medo e de adrenalina que o teu sinuoso traçado impunha. Definitivamente, o teu anfiteatro não ajudava. Para além do aparato humano de pontes metálicas, de túneis nas montanhas e da vertiginosa proximidade que a linha mantinha com o abismo, todo o teu leito era impressionante, sobretudo em Caldas de Aregos. Ouvi dizer que te perdias por lá! Mas não falemos sobre isso!

No tempo quente, eras luz, Douro. Eras luz! E, com toda essa luminosidade, atraías pessoas de todo o lado. Vinham turistas dos vários cantos do mundo; sim, também japoneses. Retendo o teu melhor sorriso, alguns fotografavam-te, ao longe, para a posteridade; os mais ousados montavam-te em lanchas e barcos de recreio, pensando domar-te. Como eram tolos! Tu nunca foste submisso.

Na Primavera a conversa era outra. Ninguém te podia aturar. Ficavas altivo, simplesmente. Depois de largarem a flor, as cerejeiras pintavam-se de bolinhas vermelhas e mais uma vez chegavas às bocas do mundo; eram cerejas. As outras flores, as que não davam fruto, iam-te acariciando ao longo da linha, corando à tua passagem pomposa, qual garboso príncipe em caçada real. Estavas mesmo vaidoso; e à medida que os dias iam crescendo, ficavas sempre mais um pouco, boémio, para ver o pôr-do-sol. De uma certa forma, eu não gostava dessa altivez. Contrastava muito com o meu acanhamento natural e fazia-te escapar de mim, como fina areia entre os dedos. Deixavas de ser meu e eras de toda a gente.

Mas como não há mal que sempre dure, essa vaidade acabou por dar lugar à ternura, nos dias mais frios. Os teus braços deixavam o leito quentinho e, obstinados, tudo queriam apertar. Eras até um pouco exótico, um misto de fascínio e violência. Meio perturbado, corrias veloz, austero e sisudo, nada dizendo, tudo assustando à tua passagem. Temia-te, confesso. Diziam por lá que eras mau e que causavas estragos. Nunca

acreditei, apesar de tudo, tinha a minha própria versão sobre o assunto. Fascinavas-me e não havia nada a fazer. Além disso, o teu coraçãozinho, tic-tic-tic, seria incapaz de tanta tragédia. O problema é que ninguém entendia esse teu humor negro, a começar pelos comerciantes das baixas. Por te temerem, faziam promessas aos santos e festas a Nossa Senhora, como os antigos marinheiros dos rabelos. Pelo respeito com que te veneravam, iam encomendando um bom destino à Mãe do Céu, de que é prova uma santinha de pedra que ainda hoje olha por ti.

Mas queres mesmo saber quando é que te amei mais, Douro? Foi sempre no Outono. Invariavelmente no Outono. Não só porque a minha alma seguia a terrível nostalgia da tua, mas também porque te caía, o Outono, como uma luva. Vestia-te de belos trajes, verdes e amarelos, amarelos e vermelhos, castanhos e verdes, agraciando-te ainda mais com alguns raios de sol nas encostas. Da janela, mantinhas a majestade.

Se não havia sol, beijavam-te as nuvens no rosto, impondo uma aura de mistério que nunca consegui perceber. Alguém te habitara noutros tempos. Pelas tuas belas colinas podia ouvir-se, ao longe, o mais belo conjunto de histórias de amor de que há memória por esses lados, fazendo lembrar o atribulado romance entre a princesa moura, de seu nome Ardínia, e D. Tedon, o valente guerreiro cristão por quem ela tudo abandonara. Outras histórias de tempos longínquos, é certo; imortais, por mérito próprio, ninguém duvida. Ainda sob influência do Outono, e bem lá no alto das montanhas, a natureza exibia um outro fenómeno que sempre me intrigou: as casas tortas e mudas, que, como peças de lego, se mexiam sempre que me afastava para outras paragens. Ficava-te bem o Outono, não há dúvida.

**Daniela Fonseca, frequentadora assídua da linha do Douro entre 1995 e 2000. ::**



Estação de Cête, 2005 © Dario Silva



Estação da Régua, 2005 © Dario Silva